



# TRIBUNA Livre

**19  
MARÇO  
1960****SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES**

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

## Celebrações Henriquinas

### Do Finisterra ao Sacro Promontório

Do dia longínquo e incerto em que o célebre *Promontorium Artabrum* cedeu o nome ao de *Finis-terrae*, longa noite caiu verticalmente a cerrar os horizontes infinitos do mar revolto e ameaçador.

Do Artabro ao Sacro Promontório esta fimbria de terra ocidental marcou por muito tempo o *non plus ultra* para os antigos povos aventureiros da terra e do mar, até ao momento profício e feliz nos anais da História Universal em que o glorioso e imortal Navegador teve um sonho de realidade e grandeza, concebendo o plano, que ainda se afigurava difícil e até irrealizável a seus contemporâneos, de devassar os mares «nunca dantes navegados».

A Terra estava muito longe de ter os seus limites e configuração cientificamente estabelecidos e de terminados pela cartografia; a natureza do cos-

mos era absolutamente desconhecida.

De modo geral os povos percorriam a terra rota do Sol, à procura de regiões mais ricas e climas mais mimosos e temperados. A vida era essencialmente pastoril; em certos casos, de algumas colónias de comerciantes e navegadores que mal se desprendiam das cotas em suas frágeis embarcações.

Uma força incomportável exerceu-se, durante centenas de anos, de fora para dentro em todos os confins deste bloco peninsular, com os litorais infestados e as fronteiras dos povos que o habitavam frequentemente invadidas por gentes estranhas.

A reacção dos naturais concentrou-se no interior e pelo cimo das montanhas e daí manobrou as suas operações de guerra persistente e feroz, por vezes desesperada contra os intrusos.

As ocasiões fazem os heróis!

## A Superstição do Diploma

MORREU há meses no Rio de Janeiro um conhecido jogador de futebol. Como é natural, dada a importância deste desporto na vida contemporânea, os jornais brasileiros e portugueses consagraram ao desaparecido palavras de homenagem que excederam a bitola normal em se tratando de falecimento mais ou menos ilustre. Isto é: biografia em itálico, de comentário, ao telegrama da morte, retrato, etc. Tratasse-se dum cientista eminente mas pouco conhecido e o telegrama da agência teria, decerto, comentário bem menor. Mas assim, o desportista, popular e famoso, teve a sua consagração póstuma nas colunas da imprensa. Não é por aí, que vem mal ao Mundo.

Um promenor, porém, nos chamou a atenção nesse comentário local de carácter biográfico. Logo ao topo da notícia, como se se tratasse de aspecto indispensável ao conhecimento público da figura humana e profissional do morto, escrevia se: «F... era formado em Direito e fizera um curso brilhante, etc.» Logo a seguir, enume-

quem mede a História de alto a baixo, depara com um cortejo de gigantes em seu perfil e lá no fundo o ascendente máximo da Lusitanidade, onde a Raça colhe a grande força impulsionadora de que tem dado tantas provas.

As grandes obras que se

(Continua na 4.ª página)

## Estão já em curso Conversações para a visita do Presidente Eisenhower a Portugal

### Declaram altos funcionários Norte-Americanos

Estão já em curso conversações, no nível mais elevado, entre os Estados Unidos e Portugal, sobre a visita do Presidente Eisenhower àquele país — declaram altos funcionários norte-americanos.

Logo que sejam definitivamente assentes os promenores do programa e a data da

visita, será distribuído um comunicado oficial.

Confirmam esses funcionários que a visita se realizará logo a seguir à conferência Ocidente-Leste, que, a 16 de Maio, se inicia em Paris.

Acentua-se, entretanto, que o Governo português é, de todos os Governos aliados, o que se tem mostrado mais discreto acerca da contribuição para a defesa do mundo ocidental, designadamente quanto às facilidades nas bases dos Açores.

Eisenhower, como militar, realçou que Portugal é um aliado fiel e tem cumprido escrupulosamente as suas obrigações de membro da NATO. Recorda-se aqui que Eisenhower foi calorosamente recebido em Lisboa quando era comandante supremo da NATO e que ele tem bem presente esse facto.

Crêem os referidos funcionários que Eisenhower será novamente recebido em Lisboa com o mesmo entusiasmo de há oito anos.

## QUE SUCCEDERÁ EM 1960?

Lúcia pediu que o segredo só fosse revelado depois da sua morte?

Continuação do número 215

manifestam o desejo de que o mesmo pároco interrogue de novo os pastorinhos acerca dum *segredo* que os videntes diziam ter recebido. Os dois acabavam de os interrogar por sua conta. O pároco empalidece. «Um segre-

do?» Nunca em tal ouvira falar. No entanto manda chamar as crianças, e pergunta à Lúcia:

—É verdade que a Senhora te disse um *segredo*?

—É, sim Senhor. Mas eu não lho digo.

O Sacerdote insiste. Diz-lhe então Lúcia:

—Olhe, Sr. Prior, se quiser, eu vou à Cova da Iria e pergunto à Senhora se Ela me dá licença de dizer o segredo; e se Ela me disser que sim, eu então digo-lho.

Três meses depois, exactamente a 16 de Outubro, o

Continua na 4.ª página

## Os Portugueses de Angola não querem ser Libertados por Estrangeiros

Sublima o «Diário da Manhã»

«Não nos interessa nem afecta a política de abandono que vêm praticando outras nações com responsabilidades em África.

Partem os que querem partir; nós ficamos» — salienta o «Diário da Manhã», órgão da União Nacional, que continua:

«No entanto, não podemos deixar de considerar as consequências dessa retirada e os novos aspectos do panorama político-africano, na medida em que é susceptível de interferir com a segurança dos nossos territórios.

«Por nossa parte, sabemos que ninguém poderá queixar-se de ser nosso vizinho.

«A constituição, na nossa imediata vizinhança, de novos Estados não modificará

Continua na 4.ª página

## Reunião da Comissão Concelhia da D. C. T.

Na passada terça-feira, no edifício da nossa Câmara Municipal, reuniu a Comissão Concelhia da D. C. T. composta pelos snr: D. Nuno Pomal, presidente da Câmara, Capitão Cunha Ribeiro, dos serviços centrais e João Barbosa de Macedo, comandante da Legião Portuguesa.

A Comissão tomou conhecimento das atribuições designadas ao Concelho de Amares pelos serviços da D. C. T., bem como das possibilidades em dar-lhe satisfação.

Resolveu realizar no Concelho pelo menos, no ano corrente, 5 cursos, o primeiro dos quais principiará brevemente.

Vai também proceder às diligências necessárias para actuar os elementos existentes e tratar da habilitação de graduados a fim de estabelecer as directrizes gerais do sistema Concelhio.

A Comissão voltará a reunir brevemente para continuar os seus trabalhos.

# TRIBUNA FEMININA

## Chapéus Nucleares

A física nuclear invade todas as profissões e todas as actividades.

Por exemplo, a arte de moldar um chapéu de feltro apresenta as suas dificuldades.

Nos tempos que vão correndo, a fantasia dos modelistas, exige os feitios mais estranhos para os chapéus de feltro das senhoras.

Como se sabe, o feltro é um material macio e maleável que se deixa moldar com uma certa facilidade, com a condição de ao esticá-lo, bemesticadinho, na forma, não se repuxe demais pois pode acontecer que parte do material perca espessura. Isto é um defeito que pode arruinar rapidamente um chapéu que tenha custado os olhos da cara

a um marido complacente.

A Associação dos Chapeleiros de Feltro da Grã-Bretanha, auxiliada pelos cientistas, vai empregar a radioactividade do estrôncio 90 para verificar a espessura dos chapéus de feltro em todos os pontos.

Não quer isto dizer que os chapéus fiquem radioactivos (nem todos os chapéus são passados ao estrôncio), mas quando um chapeleiro sonhar com um feitio estranho que lhe pareça interessante e irresistível para a cliente, manda o modelo à Associação que pelo exame radioactivo lhe indica se naquele feitio de chapéu a espessura do feltro se mantém constante em todos os pontos.

## A Canção dos Emigrantes

Abandonei o meu país, o meu lar;  
P'ra tão longe eu quis vir emigrar!  
Agora aqui estou eu, sòzinho,  
Despido da valúpia dum carinho;  
Nu de sonhos, da vida inteira  
Enterrado só na canceira  
Do meu trabalho muito progredir  
P'ra minha terra voltar a ir...

Quem me dera agora lá estar  
No aconchego doce do meu lar!  
Triste é a sina do emigrante  
Só pensa no seu cantinho distante.  
Não sei porque te deixei mi terra,  
Fugí da paz e vim p'ra guerra.  
Era pobre mas era feliz  
Aqui sou rico mas infeliz...  
Rico? Oh! não. Sou pobre como Job  
Porque estou loge e vivo só.

P'ra lém do mar meu amor chora  
Por outro amor que veio embora.  
A água é o obstáculo, a dor  
Porque não posso agora transpôr.  
Ela me prende, ela me encerra  
Da mi qu'rida e saudosa terra  
Que jamais posso esquecer...  
...Mas que me resta agora fazer?...

A nossa sina sempre se rebela  
Ao receber uma carta dela.  
O que ela diz logo confessamos  
Ao íntimo amigo com quem falamos:  
É um amor de franca candura  
É a saudade que há muito dura;  
É a dor que a alma encerra  
Por estar-mos longe da nossa terra!

## Venda duma Propriedade

Vende-se uma propriedade rústica, de lavradio e vinha, situada na freguesia de Barreiros á margem direita do Cávado, com área de 20.000 m2.

Informa e mostra

**CASA DO ALTO**

## Menu para um jantar de cerimónia

### Canja de galinha

*1 galinha gorda, 1 colher (das sopa) de manteiga, 1 colher (das de sopa) de cebola picada, sal q.b., tomates q.b., 1/2 chavena (das de chá) de arros bem lavado.*

Limpa-se a galinha, corta-se pelas juntas e põe-se num tacho a refogar com a manteiga e a cebola.

Deixa-se alourar bem sem escurecer, cobre-se de água, tempera-se de sal e ferve-se até a galinha ficar bem cozida (para ver se está bem cozida, espeta-se um garfo numa das pernas: se entrar com facilidade, deve estar bem cozida).

Tiram-se os ossos e as pernas à galinha e corta-se a carne em pedacinhos.

Deita-se o arroz no caldo, que deve regular por uns 3 litros.

Quando o arroz estiver quase cozido, junta-se-lhe os pedacinhos de galinha e tempera-se de sal.

Deve ficar bem amarelinha e não muito grossa.

Se tiver muita gordura, tira-se esta com uma colher, para a sopa não ficar enjoativa.

### Filetes de pescada

*1 kg. de pescada do meio (rabada), 1 decilitro de leite, um limão (o sumo), 2 ovos batidos, pão ralado q.b. e batatas fritas aos palitos q.b.*

Lava-se e escama se a pescada. Depois com uma faca bem afiada, destaca-se-lhe a pele em toda a volta e a espinha do meio.

Em seguida corta-se o traço em 2 ou 3 pedaços, no sentido da largura, conforme o tamanho que se quer dar aos filetes. Cortam-se estes transversalmente da espessura que se quiser.

Tempera-se com sal, sumo de limão, borrifam-se com leite e deixam-se a tomar gosto durante 2 ou 3 horas.

Feito isto escorrem-se: passam-se por ovos batidos, em seguida por pão ralado e fritam-se em azeite ou óleo.

Servem-se acompanhados com puré de batata.

### Galinha assada

*1 galinha gorda, 100 grs. de toucinho entremeado, 1 ramo de salsa, 2 colheres (das de sopa) de manteiga, 1 colher (das de sopa) de pingue, 1 cálice de vinho branco, algumas gotas de sumo de limão, sal q.b., caldo de carne q.b., 2 ovos cozidos, azeitonas de Elvas q.b.*

Depois da galinha convenientemente preparada intru-

## "CÁVADO"

Há anos tão pobresinho  
Ninguém dele se lembrava!  
Só aqui e mais além,  
Uma azenha lhes falava.

E sòzinho esquecido  
Deslizava docemente,  
De trás de encostas e vales  
Caminhava alegremente.

Hoje o Cávado mundou  
Sua honesta singeleza,  
Deixando à sua passagem  
Luz, alegria e grandeza!

Paradela, Venda Nova  
Salamonde e Caniçada;  
São testemunhas bem vivas  
Da era morta passada

Nas tardes quentes de Verão,  
Nessas Centrais tão faladas,  
Tem o Cávado junto a si  
Povo de Nações variadas!

Suas águas esverdeadas  
Esquece a dôr dão esperança  
E prende a si toda a gente,  
Desde o vélhinho á criança!

Também a mim me prendeu,  
Com recordações tão fatais!  
Que para mim o seu nome  
Não morrerá, nunca mais.

Tancos 13/3/1960:

José Silva

## Associação dos Cegos do Norte de Portugal

Rua do Almada, 335-2.º D. — PORTO

CIRCULAR

Ex.º Senhor

Dado o grande número de cegos existente no Norte do País e as dificuldades de vária ordem com que se debatem, fundou-se aos 10 de Janeiro de 1958 na cidade do Porto uma associação com fins assistenciais e culturais. Corroborando a magnífica obra que nestes campos se vem fazendo há vários anos através

duz-se-lhe no interior o toucinho cortado em bocados e a salsa.

Derrete-se a manteiga e o pingue aos quais se juntam os restantes temperos.

Coloca-se a galinha numa assadeira e rega-se com os temperos anteriormente misturados.

Cobre-se com um papel vegetal untado de manteiga e leva-se ao forno a assar. Quando estiver quase assada retira-se o papel, para ir tomando cor enquanto acaba de assar.

Acrescenta-se o molho com um pouco de caldo de carne e vai-se regando a ave de vez em quando com esta mistura.

Serve-se rodeado de agriões e acompanhada pelo seu próprio molho na molheira, ao qual se juntam os ovos cozidos e as azeitonas, tudo bem picado.

de um dos nossos mais notáveis estabelecimentos particulares de assistência, tem esta Associação como objectivo prestar aos invidentes do Norte, em particular, e aos do País em geral, toda a ajuda que as suas possibilidades tornem viável conceder-lhes.

Para tal fim se conta com o alto espirito de solidariedade de quantos queiram ajudar a erguer esta Obra em favor dos não videntes, que urge integrar no agredado nacional como seres úteis à sociedade em que vivem.

A contribuição mínima que se pede e agradece aos que conosco desejam associar-se é de 5\$00 mensais. Como não podemos contar senão com donativos eventuais e a receita das cotizações, tomamos a liberdade de enviar a presente circular, pedindo a devolução da respectiva proposta, confiando em que a generosidade e a compreensão humana de V. Exa. nos concederão a honra de contar o seu nome entre os daqueles que já são nossos associados.

Reiterando antecipados agradecimentos, temos a honra de exprimir a V. Exa. os protestos da nossa perfeita consideração.

A Comissão Instaladora

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

(Continuação do número anterior)

Da Santa Casa da Misericórdia de Benavente, pedindo a guia de responsabilidade desta Câmara para o doente Fernando José de Almeida e Cunha, natural da freguesia de Caldelas. O Regedor daquela freguesia informa que o doente é pobre e não reside fora deste concelho há mais de 2 anos.

Da Maternidade de Júlio Dinis, Porto, informando que a assistida naquela Maternidade Emília Fernandes da Silva Santos, tem o domicílio de socorro neste concelho pelo motivo de seu marido Manuel Maria Ferreira, residir no concelho de Vila Nova de Gaia há mais de 2 anos e ser natural de freguesia de Bouro, deste concelho.

Da Professora da Escola Feminina de Bouro Santa Marta, pedindo a reparação de algumas carteiras escolares e o fornecimento de uma estanta.

Do Eng. Director de Urbanização do Distrito de Braga, informando que Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, esclareceu não ser de exigir a habilitação da 4.ª classe para a continuação nos lugares em que estejam colocados pessoal assalariado nos lugares de cantoneiro, mas tão somente para efeitos de acesso ou promoção.

Do Chefe da Secretaria desta Câmara, propondo a seguinte rubrica orçamental para a receita destinada à 1.ª Circunscrição Industrial da Direcção Geral dos Serviços Industriais: Capítulo—Consignação de receitas; Artigo—Receitas cobradas para diversas entidades; Alínea, receita da 1.ª Circunscrição Industrial da Direcção Geral dos Serviços Industriais.

Do Director da Junta Autónoma de Estradas, Braga, informando que não há projecto elaborado para a variante da E.N. 205, na travessia da Feira Nova, entre km 50,050 e 50,800.

Do Hospital de São Marcos, de Braga, comunicando o internamento urgente dos doentes: Esmeralda de Jesus Gonçalves, de Bouro, José Daniel Almeida Borges, de Prozel, João Abreu Afonso, de Rendufe, Maria Custódia da Silva, de Prozel, Maria da Conceição da Silva, de Bouro, Adélia Fernandes Passos, da Torre, Ana da Conceição Pinheiro, de Dornelas, Maria da Conceição Martins, de Bouro, Glória de Oliveira Lopes, de Lago, Maria Martins, de Caldelas, Maria José da Silva Abreu Dias, de Ferreiros, Francisca Ludovina Gonçalves, de Dornelas, Domingos Veloso, de Rendufe.

Do Subdelegado de Saúde de Amares, pedindo uma fita de máquina de escrever.

Da Professora da Escola de Amares, pedindo a colocação de vários vidros nas janelas daquele edifício em virtude de se encontrarem partidos. O Zelador Municipal informa que o edifício escolar de Amares, além de grandes reparações de que carece, se torna necessário e muito urgente a colocação de 14 vidros nas portas e janelas, informa ainda, que o custo dos vidros será de 100\$00.

O Senhor Presidente da Câmara em face da informação do Zelador, determinou que fossem colocados os vidros em questão.

Da Regente do Posto escolar de São Bartolomeu, da freguesia de Santa Marta, pedindo o fornecimento de uma fotografia de Sua Excelência o Senhor Presidente do Concelho.

Do Comandante da 3.ª Companhia da Guarda Nacional Republicana de Braga, informando que podem ser fornecidas forças da G.N.R., sem que os requisitantes apresentem a licença das autoridades Administrativas para realização de festividades desde que estas sejam de carácter religioso, ainda que abranjam cerimónias internas na igreja e processões no exterior, mas desacompanhadas de qualquer arraial ou manifestação pagã em virtude de estarem isentas de tal licença pela concordata, mas se as festividades forem acompanhadas de arraiais ou de manifestações pagãs será obrigatória a exibição da respectiva licença, caso contrário não será fornecida qualquer força de G.N.R. passando aquela Guarda a desconhecer a realização de tais festividades.

É novamente presente à Ex.ma Câmara o ofício da Junta de Freguesia de Seramil, informando que três muros de suporte dos caminhos públicos de Seramil, Bacelo e Corugeira, daquela freguesia, se demoliram tornando intransitáveis os mesmos caminhos. O Zelador informa que tendo vistoriado os aludidos caminhos verificou que no lugar de Seramil, Bacelo e Corugeira demoliram os muros de suporte numa extensão de 12m, 6m e 6m respectivamente, o que muito dificulta o trânsito nos caminhos. Em causa, informa ainda, que é de parecer que para a construção dos muros em questão deveria esta Câmara convidar vários empreiteiros a apresentar propostas.

## Caldelas

Estrada em péssimo estado — O tempo e a Agricultura

**CALDELAS, 10** — Devido à intensa invernada a Estrada Nacional 205-3.ª, sobretudo a linha que vai de Lamôso à sede do vizinho concelho de Terras de Bouro, está a ficar quase intransitável com profundas covas cheias de água constituindo um perigo, não só para os veículos automóveis como também para as pessoas que nela transitam em virtude de ficarem completamente enlameadas á sua passagem. Como se trata de uma via principal e única para uma sede de concelho, achamos absolutamente justo que com a maior urgência seja reparada.

Já passa de quatro meses que chove torrencialmente, sendo poucos os dias que se aproveitam para os trabalhos agrícolas encontrando-se estes muito atrasados e prevenido-se agravamento dos salários dos trabalhadores, e que virá a agravar ainda mais a já precária situação da Lavoura.

As trovoadas acompanhadas de grandes batéas e por vezes com granizo têm causado grandes prejuízos nos pomares desta região. Não há memória dum inverno assim.

O correspondente

Luís Carvalho de Sousa

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Hoje, as snras. D. Rosa Maria Veloso, D. Belmira de Araújo Gomes, os senhores Domingos Rodrigues, José Augusto Abreu Dias e António Rodrigues Veloso.

Amanhã, a snra D. Maria José Dias da Silva e o snr. João Machado.

Dia 21, o senhor José Joaquim Correia da Costa.

Dia 22, a snra. Maria do Sameiro Gonçalves Leite.

Dia 24, a snra. D. Maria Isabel Calheiros Cruz, os senhores Francisco José Calheiros Cruz e Faustino Carneiro dos Santos. Dia 25, o snr. Manuel Cardoso de Abreu.

\* \* \*

Passa no dia 24 o aniversário da Snra D. Etelvina Fernandes do Amaral, residente em Lisboa.

A todos os nossos parabéns.

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Folgo por saber que tens saúde.

Muitos dos teus companheiros de exílio são mais infelizes. Basta lembrar a tragédia de Agadir onde tantos nossos compatriotas perderam os haveres e a vida. Mas tu queres notícias e vou dar-te algumas, embora tenham o sabor da tristeza.

### Falecimentos

Pelas 17 horas do dia 2-3-1960, no lugar do Paço, onde vivia, faleceu o Senhor Eugénio Alves Cerdeira, viúvo de 78 anos de idade. Era um homem de bem e teve a ventura de ter sido casado largos anos, com a Senhora Maria da Conceição Pires, irmã do falecido Pe. Albino Pires, e que foi uma das esposas mais virtuosas de Lago.

### Emigrante para Luanda

Chegou a esta cidade no dia 6 do corrente, o nosso amigo snr. Domingos António da Silva, natural da freguesia de Goães, Amares.

Teve boa viagem e encontra-se de saúde.

### Encorporação na G. N. R.

Partiu para Lisboa no dia 14 deste mês, para ser encorporado na G. N. R. o nosso particular amigo e colega do trabalho, senhor António José de Macedo Gonçalves.

Os seus colegas, que sempre o estimaram desejam-lhe muitas felicidades e rápidos progressos.

### Salvé dia 22-3-960

Passa o seu primeiro aniversário natalício na próxima Terça-feira dia 22, o menino Carlos Alberto de Azevedo Dias, muito querido filho do Snr. Jaime de Abreu Dias, funcionário público e da Snra. D. Mariette de Barros Azevedo Dias.

Tribuna Livre, deseja-lhe muitas felicidades e faz votos para que essa data se repita por longos anos na companhia de seus pais.

O funeral realizou-se no dia 4 e foi uma grande manifestação de pesar.

De harmonia com as leis da liturgia católica o ofício de defuntos precedeu a missa cantada e impressionou bem o facto de toda a gente assistir, respeitosa e atentamente a todo o ofício e missa, o que não é vulgar. Por isso, cá os da tua freguesia merecem francos parabéns, pelo exemplo. Também faleceu no dia 15 no lugar de Pontesinhas, a senhora Teresa de Jesus da Silva, natural de Rendufe. Viviu na casa de um genro, o Senhor Paulo Rocha, afim de ser tratada pelos carinhos da filha. Foi conduzida no dia seguinte para a capela do senhor dos Passos, onde teve ofício e missa antes de ser sepultada.

Não sei se a conhecias. Pos-

(Continua na 5.ª página)

## HUMORISMO

### Um Saloio

— João, quantos deuses há? — perguntava um padre d'aldeia a um saloio, seu parquiano.

— Dois, senhor padre, — Estás doido, homem! Como pode isso ser?

— Eu lhe digo, um Deus é o que toda a gente adora, e outro sou eu.

— Tu! Não blasfemes, homem!...

— Pois então pergunte-o a minha mulher que se diz muito sabida em douana

Todas as noites eu lhe ouço dizer: «Com Deus me deito, com Deus me levanto», etc., etc.

E ela que o diz é porque sabe.

### Mais seguro

Debaixo de prisão seguia certo mariola que em dada altura diz para o polícia — Snr. polícia, lá me fugiu o chapéu! Posso correr a apanhá-lo?

Diz o polícia: Não, não, pode não voltar.

— Você fica aí e quem vai apanhar o chapéu sou eu.

## PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

# Que Sucederá em 1960? Os Portugueses de Angola

(Continuação da 1.ª página)

Prior interroga também a Jacinta, notando que concorda «em tudo com o que disse a Lúcia, tirante um ou outro ligeiro pormenor. Quanto ao segredo, não foi possível conseguir mo revelasse. Só disse que não era mau para eles três».

Finalmente, no interrogatório oficial de 8 de Julho de 1924, Lúcia declarou:

«A Senhora confiou nos, a mim e à Jacinta, algumas «palavrinhas» recomendando não as disséssemos a ninguém excepto ao Francisco».

—Mas a Lúcia não escreveu também um documento que encerra este segredo?

—Sim. Autorizada pelo céu, Lúcia tornou conhecidas as duas primeiras partes do segredo. Primeiro parcialmente—também em carta ao Santo Padre—; depois numa descrição de ambas as partes. Esta descrição constituiu a parte principal do 3.º manuscrito da Lúcia acabado de escrever a 31 de Agosto de 1941. Finalmente a terceira parte—que tanto aguçava a curiosidade das gentes—escreveu a e meteu-a em um envelope que entregou a S. Ex.ª o Sr. Dr. José Correia da Silva, de s. m., dizendo:

«Vossa Excelência Reverendíssima pode ler». O Sr. D. José, porém, fiel ao propósito—são palavras suas—de «não ir adiante, mas atrás de Nossa Senhora, executando o que Ela manifestasse ser sua vontade», fechou o envelope, selou-o e depositou-o no cofre da sua Secretaria.

Um dia, falando-lhe eu, ali mesmo no seu gabinete, fiz alusão ao famoso envelope que, se ele quisesse, poderia ler... Resposta pronta do Bispo:—«Eu nestas coisas do outro mundo não quero intrrometer-me. Vou atrás da Senhora, procurando executar e mandar executar o que a Minha Senhora quer. O segredo selei-o e está ali dentro»—e apontou para o cofre, que estava ao lado.

—Mas diz se que precisamente este documento, ou ao menos uma sua cópia, foi enviada para Roma ao Santo Padre Pio XII, o qual conhecia o seu conteúdo. Que há nisto de verdade?

—Não há nada de verdade! Posso garantir-lhe que aquele documento nem no original nem em cópia, saiu nunca do cofre da Cúria Episcopal de Leiria. Isto é, para falar com mais exactidão, devo dizer que saiu, mas uma vez só e por poucos minutos, em 1950, para satisfazer a curiosidade dum grupo de peregrinos americanos: como não lhes era dado conhecer o conteúdo, quiseram ao menos fotografar o envelope.

Portanto: os boatos, mais ou menos apocalípticos, sobre a vinda do segredo a Roma, sobre a impressão produzida na pessoa de S. S. o Papa Pio XII—que teria sido

encontrado sem sentidos desmaiado por terra, depois da leitura do segredo—, sobre catástrofes, terremotos, bombas de hidrogénio, etc., etc., são tudo fantasias de espíritos mais ou menos desequilibrados!

—Creio que estas suas palavras hão-de ser para muitos reconfortantes. Mas, voltando ao segredo, sabe-se exactamente a data em que será desvendado?—Refiro-me à data em que se abrirá o envelope—.

—Quando em 1946, o Cón. Barthas, de Tolosa (França), fez essa mesma pergunta ao saudoso Bispo de Leiria e à Irmã Lúcia, estes responderam: «Em 1960».

—Porquê essa data, e não antes?—perguntou ainda o Cónego.

—Porque assim o quer a SS.ª Virgem.

Era uma razão assaz forte, temos de concordar. E recentemente, a pergunta idêntica, o novo Bispo de Leiria, D. João Venâncio, respondeu:

—«Penso que a carta que encerra o chamado segredo não será aberta antes de 1960. A Irmã Lúcia teria pedido que o não fosse antes da sua morte. De toda a maneira, nunca antes de 1960».

«Aliás—continuava Sua Excelência—esta preocupação de saber o conteúdo da carta parece mais bem excessiva e, por parte de alguns, positivamente doentia... Mas a coisa é sinal bem característico dos nossos tão atribulados tempos! Duas partes do segredo foram já tornadas do domínio público. Não seria muito melhor procurar estudá-las, penetrar-lhes o íntimo significado e compreender a sua imensa projecção e alcance e, sobretudo, vivê-las e fazê-las viver a tantos que se esquecem do seu destino eterno?».

—Palavras justíssimas, estas, de acordo. Mas é difícil subtrair-se à natural curiosidade. Que nos reservará o futuro? A ameaça da guerra torna-se dia a dia mais forte. E com as terríveis armas modernas que será da humanidade? Não estaremos perto do fim? São interrogações sobremaneira paavorosas. Não será caso que o segredo se refira precisamente a isto?

—As duas primeiras partes, bem conhecidas, continham predições, digamos, verdadeiramente catastróficas, referentes ao tempo presente de então, à eternidade, e ao próximo futuro daquele período: a saber, uma parte definitiva e outra contingente.

Pois bem. Quando foram escritas e publicadas não quisera acreditar-las! Era difícil entendê-las, e mais difícil ainda dar-lhes crédito. Em substância, diziam elas que se não fosse ouvida a queixa angustiada de Nossa

Senhora («Não ofendam mais a N. Senhor que já está muito ofendido!», a justiça divina patentear-se-ia tremendamente no mundo: guerras, nações destruídas, tribulações, catástrofes, perseguições à Igreja, etc.. Ora tudo isto parecia então impossível. E no entanto, quantos milhares de mártires vimos e vemos ainda? Quantas nações aniquiladas, desaparecidas dos mapas geográficos, e quantas outras que sobrevivem, sim, mas em que condições! As predições referidas pela Irmã Lúcia verificaram-se todas, infelizmente, e continuam a verificar-se. Isso nos faz pensar que também a terceira parte se verificará.

Pelo que respeita ao seu conteúdo, sabemos apenas que dele se desprende um raio de esperança: «Finalmente o meu Coração Imaculado triunfará!».

Quando? Como? Antes ou depois de novas calamidades mundiais?—Isto importa menos. Dessem, porém, os homens, desse o mundo, mais ouvidos à Mensagem da Senhora de Fátima, e poderíamos já dizer que será antes. Poderíamos até dizer que seriam esconjuradas novas calamidades.

—Como se deve entender o triunfo do Coração Imaculado de Maria? É a devoção ao Coração Imaculado que se estabelecerá no mundo, ou deve entender-se também da paz?

—Uma e outra coisa. Porque o Coração Imaculado não pode triunfar senão fazendo triunfar a misericórdia. É Coração terníssimo de Mãe. Alcançar-nos-á simultaneamente a misericórdia divina e a paz. Sim, a paz. Aquela paz que nos fará prelibar a paz e a felicidade eternas. E este período de paz para o mundo viria muito mais depressa e seria muito mais seguro, se fossem mais numerosos os que atendem à Mensagem da Virgem de Fátima, se todos os cristãos se esforçassem por não ofender mais a N. Senhor, e tudo fizessem até por imolar-se em espírito de reparação pelos que continuam a ofendê-Lo.

Consagrou-se Portugal, há pouco ainda, oficial e solenemente também ao Coração Imaculado de Maria, na tarde inesquecível da inauguração do Monumento a Cristo-Rei. A melhor realização e vivência dessa Consagração consistirá precisamente em viver a Mensagem de Fátima.

## «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

Continuação da 1.ª página

as relações existentes, pelo que nos toca, e não influirá na colaboração que é naturalmente imposta pelo facto da contiguidade territorial.

«É esta uma preciosa contribuição positiva, com a qual os nossos vizinhos podem contar.» E o «Diário da Manhã» salienta, seguidamente:

«Mas, se respondemos por nós, não podemos responder pelos outros e por isso mesmo nos preocupa a atmosfera de agitação que tende a instalar-se em África e que, em nome de mal assimilados conceitos de liberdade, fala a linguagem do imperialismo e do racismo».

«Na entrevista que concedeu ao Jornal francês *Combat*, Patrice Lumumba, elemento em destaque do xadrez partidário do Congo Belga e activo promotor da sua independência, fez a este respeito algumas declarações singularmente infelizes, esboçando um programa de geral libertação dos povos de cor e, a propósito, citando nominalmente a nossa província de Angola».

«Auxiliaremos a libertação de Angola—disse expressamente Lumumba, antecipando-se a interpretar a política ainda por nascer».

«Apesar disso, tem de registar-se o estranho entendimento que um homem político do Congo assina às relações

internacionais, voluntariamente desconhecendo que elas implicam o respeito pela soberania dos outros Estados com que se tem contacto».

«Angola é parte integrante da Nação portuguesa, um território cuja população forma um todo unitário, uma comunidade fraternal de brancos e de negros, que vivem em paz e só querem que os deixem tranquilamente trabalhar pelo progresso da sua terra».

Nem há lá escravos a libertar, nem injustiças a reparar, nem segregação racial nem tendências separatistas. Há apenas portugueses e patriotas. «Essa população tem direito de esperar e de exigir que a deixem em sossego e não pretendam impor-lhe um destino arbitrariamente traçado que, a pretexto de a libertar, a prive da possibilidade bem inestimável que é a paz interna. Legitimamente se convence de que não partirão do território estrangeiro iniciativas que visem a favorecer em sua casa a infiltração da desordem e do terrorismo.»

A terminar, o «Diário da Manhã» salienta:

«Os portugueses de Angola — e são todos os seus habitantes — não querem ver ameaçada a liberdade que as suas instituições lhes garantem. Não querem, numa palavra, ser colonizados.»

(ANI)

## A Superstição do Diploma

(Continuação da 1.ª página)

o seu diploma de Direito. Com a divulgação e democratização do ensino superior, ser formado é apenas pormenor que muito relativamente interessa. Não se escreve a propósito de qualquer motivo, necrológico ou não que Fulano «tem o exame de admissão ao Liceu». Uma licenciatura, por mais importante que seja para a vida prática dum cidadão em qualquer parte do Mundo, tende, por isso mesmo, a ser facto normal, que não merece, portanto referência.

Menos ainda, muito menos obviamente, na biografia jornalística, dum desportista. O que importava, isso sim, era saber a que grupos pertencera, em que desafios tomara parte, quais os louros que os vários Olimpos internacionais da bola lhe haviam atribuído.

Mas estava-se em Portugal, em plena segunda metade do século e numa época singularmente dominada pela superstição do diploma. Aquele curso de Direito merecia referência. E fez-se mesmo. Não como um contraste saboroso de reportagem jornalística — «o desportista-advogado», por exemplo — mas exactamente como elemento importante no «curriculum-vitae» do falecido.

(Continua no próximo número)

## Celebrações Henriquinas

(Continuação da 1.ª página)

perpetuam em novas formas de beleza e rejuvenescimento, embora algumas vezes tenha de recorrer-se quase aos seus fundamentos, têm a sua raiz mergulhada na profundidade de muitos séculos.

*Viriatus* — é natural que não fosse este o nome que recebeu em criança e enquanto foi simples pastor. Revelando-se como prototipo comum da imortal Raça Lusitana, se a aquele o seu primitivo nome é a predestinação evidente da pedra triangular em que assenta sólidamente a grande fortaleza da Lusa Gente.

Viriato — Homem robusto, vigoroso e forte, que sustentou a independência dos seus irmãos de raça contra as ameaças de Roma que assim cognominou a sua extrema bravura e o nome decerto cedo ao apelido, que melhor identifica o seu extraordinário poder de resistência e luta em pro de uma Causa que estava longe de produzir seus frutos. Estes são da natureza da semente e da Árvore que os produz.

Cumpram os homens os seus deveres e o Tempo e a História lhes farão justiça.

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão S. Martinho

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 62 (CONTINUAÇÃO)

*Estas cruces mandou fazer João Francisco do lugar da Porta.*

À margem da calçada que desce para a estrada está o cruzeiro paroquial e junto dele a CAPELA DO SENHOR DOS PASSOS FEITA NO ANNO DE 1856. Poucos metros abaixo a capela de S. Roque, de relativa grandeza, com sincera, e tem na padieira da porta principal gravada a era de 1739. Com o seu magnífico altar da Renascença até parece ter sido copiado dele todo o conjunto do arco-cruzeiro da matriz. A abóbada, em arco, é toda de pedra.

Já se fez referência à antiquíssima capela de Santa Cruz, padroeira do lugar do mesmo nome. Com a sua festa tradicional no primeiro domingo seguinte ao 3 de Maio, era a célebre *romaria das desordens* por que se tornou conhecida, quando a mocidade das freguesias circunvizinhas para aqui guardava o tirar desforço de rixas amorosas e questões quejandas em que o ciúme exarcebava os ânimos. Partiu-se por aqui muita cabeça de gente moça e verteu-se muito sangue *de sobrolhos* (no dizer dos antigos forais) enquanto o jogo do pau e de *capoeira* não deixou de se exercitar a sério no pequeno terreiro ou no lastro da Geira.

Tem no arquivo paroquial o «Livro dos Irmãos das Almas» a partir de 1857; a «Copia dos bens pios de Souto» ou seja «livro de testamentos» com abertura em 1762; o «Livro dos estatutos do SS, de 1780, iluminando e ainda o da confraria de S. to António, de 1745, igualmente iluminado; o «Inventário das Almas de Souto» a partir de 1772 e a «Ementa da confraria do Senhor» desde 1787, também com iluminuras nas letras capitulares e quase todos metidos em capas de pergaminho.

As confrarias em actividade são a de S. Roque e Almas e a do SS. com a de S. to António anexa.

Não passam despercebidas as boas providências já tomadas no abastecimento de águas a cada lugar em que há o moderno e higiênico fontenário público e também o adequado lavadouro, sinal de razoável progresso e melhoria de condições de vida a que todas as localidades têm direito quando o seu desenvolvimento populacional assim o requiere.

Já se encontram ao longo da estrada moradias de recente construção, a quebrar a monotonia de um caminho até aqui quase deserto que se entranhava lá para os montes... Souto é, por este lado, a sala de visitas do conceito. Deus queira que também nesta *Ribeira*, um dia e o mais cedo que seja possível, se verifiquem os mesmos milagres de progresso que se realizaram no vale do Cávado, aonde voltamos.

### VALDOZENDE

Tem-se andado ora cá ora lá a dobrar o cimo das montanhas que abrigam estas terras, viradas a nascente e a poente, estendidas e voltadas ao sol pela serra brava ou pela encosta mansa, pendentes para o Homem e para o Cávado que lhes marginam e regam as veigas e os campos, tocam as azenhas onde se moe o pão e também dão luz e energia.

A mais útil ao homem, certamente, de todas as descobertas da inteligência humana nos últimos tempos, é um destes vastíssimos e poderosíssimos engenhos de maquinaria que pode e deve admirar-se aqui: não só o que de longe e de perto se vê à superfície do solo grandemente acidentado, mui principalmente o que se esconde nas suas profundezas e causa espanto de tanto esforço que foi preciso dispender-se para levar a termo um destes colossais empreendimentos, que só a vista pode avaliar-se.

Fica pròpriamente nos fundos desta freguesia, entre a estrada do Gerês e o rio, a importante Barragem da Caniçada que estende suas águas em extensa e recortada albufeira para lá de Rio Caldo e Vilar da Veiga.

Concebida no represamento da água de inverno a verão e no sistema da queda de água, pelo cubo de pau ou pedra, que accionava o velho rodízio de madeira dos antigos moínhos de cereal espalhados ao longo dos ribeiros, estas maravilhosas fontes de electricidade, cavadas no seio profundo e rochoso da terra, são o último apuro do que

(Continua no próximo número)

### Notícias do Gerês

#### O Tempo

Tem feito uma invernia admirável, causando muitos prejuízos nos arvoredos que derruba como no atraso dos serviços culturais e causando uma falta de ganhos aos trabalhadores que não ganham desde há muito uma quinzena completa. Os trovões constantes, tem causado avarias nas instalações telefónicas. Nos viveiros do Videiro, café uma fásca que pôs em risco a vida dos trabalhadores que se encontravam naquele local e espatifou a baixada do telefone, avariando o mesmo. Não lembra tal invernia. As avarias na luz eléctrica também são frequentes e na avenida central desde há muito que não há luz.

A cada passo se houve lamentar a falta de luz nestas termas. Nestas noites de inverno e escuras só se safa de enxarcar os pés na água da avenida, os que tem lâmpadas de algibeira. Muita gente espera ansiosa a abertura das termas para ver se o problema da luz será resolvido. O Gerês é bem conhecido por todo o país e até por estrangeiros, é pena que no inverno fique tanto ao abandono.

Gerês, 15/3/960 C.

### MAIS UM APÊLO

Não vamos hoje apelar para o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Braga, novamente, porque está empenhado em obras que edializou, embora seja, presentemente de grande necessidade, para a cidade, a conclusão de outras, mais antigas.

Queremo-nos referir à mal-fadada Rua das Palhotas.

Também não vamos insistir com os SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO, cujo Digno Director-Sr. Engenheiro Sá e Melo quando visita a cidade de Braga (e ainda há pouco tempo o fez) jamais passou pelas referidas «PALHOTAS», porque não lhe mostram tal rua.

Vamos, sim, apelar agora para os proprietários dessa rua, principalmente aqueles que têm dinheiro em Bancos, e podem dispor de algum em seu próprio benefício.

É que, se esses proprietários quer de um quer de outro lado da rua, requerem à Câmara o alinhamento de seus prédios com a Avenida Artur Soares, de que tal emaranhado de par-dieiros faz parte integrante, cada vez mais emaranhada ficaria essa artéria, tornando-se assim tão estapafúrdia que os futuros Edis teriam vergonha decerto, e a mandariam completar, comprando as restantes

casas dos extremos dessa Rua-3 no fundo, 85 a 91; e outras 4 no cimo, de 1 a 19- que sòmente interessam á referida Câmara, e cujos proprietários estão mortos que lhas expropriem, há longos anos.

São, apenas, esses 7 proprietários que não podem querer reconstruções e alinhamentos, visto que, nos espaços que esses prédios ocupam, e a seguir a eles, esbarrarem com os prédios da Ilha do Loureiro (aqueles 3 primeiros), e com um da Rua Gabriel Pereira de Castro (Escoura) os n.º 1 a 19, competindo á Câmara Municipal expropriá-los, porque esses espaços ficariam totalmente fazendo parte da Avenida, e nenhuma reconstrução ali poderá fazer-se.

A todos os demais proprietários, com o fim que exponho, para seu interesse, e o da cidade, apelo, sim, para o seu bairrismo, porque, como já várias vezes se tem dito, é uma autêntica vergonha essa artéria no meio de uma cidade tão linda, e uma «Grande Incógnita», que aquelas entidades não resolvem, como se publicou já, em «TRIBUNA LIVRE», em 25 de Julho do ano findo, e que mereceu a honra de ser transcrito em «O DEBATE» honra que muito nos penhorou e agradecemos.

Agora que já aparecem por essa Rua, vigiando-a, de certas em certas horas, alguns agentes de policia ( que pena não estarem por ali guardas permanentemente?... ) podem-se fazer obras recuando ou avançando os prédios, para alinhamento, e alindamento daquela desafogada Avenida.

Estamos convencidos de que bastariam dois ou três proprietários fazer isso, e sabemos também que os há capazes de dispor de algum dinheiro para melhorarem seus prédios velhos e os novos já existentes, que ali têm próximo, fechados e sem lhes render coisa alguma, em virtude de mal se verem da Escoura.

Mãos á obra, pois, no interesse de todos.

a) Um leitor.

#### Condições de Assinatura

|                     |         |
|---------------------|---------|
| Continente          |         |
| Ano . . . . .       | 50\$00  |
| Semestre . . . . .  | 25\$00  |
| Ilhas               |         |
| Avião—ano . . . . . | 150\$00 |
| Semestre . . . . .  | 75\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 60\$00  |
| Semestre . . . . .  | 30\$00  |
| Brasil              |         |
| Avião—ano . . . . . | 150\$00 |
| Semestre . . . . .  | 75\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 60\$00  |
| Semestre . . . . .  | 30\$00  |
| Estrangeiro         |         |
| Avião—ano . . . . . | 180\$00 |
| Semestre . . . . .  | 90\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 80\$00  |
| Semestre . . . . .  | 40\$00  |

### CARTA DE LAGO

(Continuação da 3.ª página)

so dizer-te que tive ocasião de a visitar na doença, e pude convencer-me uma vez mais, da sinceridade da sua fé cristã bem como da resignação com que sofreu os incómodos da doença.

#### Diabruras

Causa-me sempre muita e má impressão a facilidade com que tanta gente acredita no aparecimento das almas dos mortos. Penso que tal credulidade é fruto da ignorância religiosa, talvez a maior praga do nosso tempo. Li alguns que certos cavalheiros foram ter com Santo Agostinho e perguntaram-lhe se ele acreditava na possibilidade de as almas dos mortos aparecerem aos vivos e o que pensava dos ruídos, chamadas e aparições, que alguns diziam ter, de almas do outro mundo. O santo respondeu que acreditava na possibilidade de Deus, por razões especiais, autorizar alguma alma a vir a este mundo fazer qualquer aviso, mas só muito excepcionalmente; porque doutra forma, concluiu ele, minha mãe não deixaria de me visitar todos os dias.

Quando a mim sabes que meus pais já morreram, há alguns anos; como

eles, também outros meus grandes amigos e nunca mais os vi e nem espero ver neste mundo. Posso dizer-te que se eles pudessem, também me visitariam com frequência. Deus não está disposto a satisfazer a nossa curiosidade doentia.

Contudo aparecem indivíduos a dizer que ouvem chamar de noite, e que distinguem a voz como sendo desta ou daquela pessoa falecida; que lhes desaparecem objectos misteriosamente ou então simplesmente deslocados, como brincadeiras de meninos garotos... Também aparecem cristãos a fingir de médios ou «corpos abertos».

Ouvir chamar já eu tenho ouvido, mas não é nada real... É a imaginação, mais ou menos exaltada e doente.

Desaparecer objectos também já me tem acontecido mas é fruto do esquecimento; ou por alguém deste mundo os mudar de sítio. Não nego que o demónio possa às vezes fazer das suas para caluniar os mortos e muitos vivos caem-lhe na rede!...

Tenho ouvido pessoas a falar em nome das almas dos mortos sendo tão possesas como eu. O que são, é: doentes.

Dispõe do sempre teu: J. Moreira.

Lago, 15-3-1960

## PROCISSÃO DOS PASSOS em PRADO

Com a pompa e brilhantismo do ano anterior, prepararam-se nesta Vila as tradicionais Festas dos Passos.

A Comissão—a mesma do ano anterior—não se poupando a canseiras e sacrificios, trabalha afanosamente para que este Passo, segundo o detalhe litúrgico da Paixão, seja representado da maneira mais retumbante possível, contando para isso com a colaboração de todos os bons Pradenses, tanto presentes como ausentes, para assim e só assim, o nome desta Vila que sempre primou e se gloriou de caminhar na vanguarda, na apresentação do Passo do Mártir do Calvário, mais uma vez possa asseverar o brio religioso e o fausto que desde sempre caracterizaram a principal das festas de Prado, que enquadra ao lado das mais importantes congêneres do Norte do País.

A Procição, que se realizará em 10 de Abril próximo, (Domingo de Ramos), será precedida de Sermões

queresmais a cargo do mui distinto orador Rev. Alberto Rocha, de Barcelos. Nela tomarão parte duas bandas de música, e a Guarda de Honra será constituída pela Guarda Nacional Republicana do Esquadrão de Cavalaria do Porto e várias corporações de Bombeiros.

O Sermão do Encontro, á semelhança do ano anterior, será ao ar livre, em pleno decurso da Procição. Seguindo o plano transacto, a Comissão de Festas, lembrada ainda da generosidade de alguns Pradenses, cuja excepcional alma católica arreigada aos são costumes desta Terra, contribuíram com a esmola suplementar relativa à «Campanha do Sermão», espera que estas almas nobres de sentimentos e bairrismo secundem a sua generosidade, bem como lança o apêlo para que novos subscritores lhes sigam as pisadas.

Fica pois aqui lançada a «Campanha do Sermão», na certeza de ser correspondida.

Gota d'orvalho

## Lágrimas e mais Lágrimas

Se uma cebola faz correr muita lágrima, duas cebolas ainda fazem correr mais.

Que diríamos de 700 milhões de cebolas?

Chegam para pôr os 2 ou 3.000 milhões de pessoas que mourejam sobre a crosta terrestre a chorar que nem outras tantas Madalenas.

Pois esses 700 milhõesinhos de cebolas representam a quantidade exacta que a indústria conserveira britânica enfrasca

todos os anos.

Não que a Grã-Bretanha consuma todo esse cebolório. Não, a maior parte destina-se à exportação.

Mas então as lágrimas? perguntará o leitor? Que é que fazem às lágrimas?

Pois a resposta é simples — não há choros. As cebolas são descascadas por uma máquina que tira delicadamente a pele a 9 kilos de cebolas por minuto... e não chora.

## CICLISMO

### 3.ª Grande Prova de Iniciação

Como estava anunciado, realizou-se a 3.ª Grande Prova de Iniciação no Concelho de Amares.

Não compareceram todos os corredores inscritos devido ao estado do tempo, o que originou que só fosse dada a partida 1 hora e meia depois da que estava marcada.

Eram 3,30 quando o Director da prova deu ordem para se começar a correr, a que logo todos os corredores responderam á procura da sua melhor classificação. A primeira parte da prova foi feita em pelotão, talvez para medir forças e verem até onde chegavam os que menos favoritismo possuíam, e assim chegados a Bouro, Peixoto experimentou um esticão a que nenhum dos outros concorrentes correspondeu, aumentando assim o seu avanço que o levou a ganhar todos os prémios de caminho, até chegar isolado á meta que deu a seguinte classificação:

1.º Manuel Ferreira Peixoto — A Modelar-Amares; 2.º José João-A Modelar-Amares; 3.º Um concorrente de Braga, Individual; 4.º João Fernandes, A Modelar-Amares; 5.º Um concorrente de Braga, Individual.

Leia

Assine

Publique

«Tribuna Livre»

Visado pela Censura

## O sonho do Infante

Na ponte de Sagres  
De pé no rochedo,  
Com ávido olhar,  
O ínelito Infante  
Perscruta o segredo  
Que o mar rutilante  
Persiste em guardar.

— «Meu Deus, reza êle,  
Que haverá para além  
Da banda de lá?  
Haverá outras terras  
Com povos também,  
Com campos e serras  
Tal qual como cá?...

Senhor, o meu sonho  
Não é d'ambição;  
É mais fervoroso,  
Pois é altruista  
A minha intenção,  
Fazendo a conquista  
Do mar tenebroso.

Na crista das ondas  
Seguir sempre em frente  
Arrostando o afã  
Que me possa advir,  
Até o transpor.  
Se então outra gente,  
Talvez d'outra côr,  
Por lá existir  
E a fôr encontrar  
Inculta e pagã,  
É p'ra a ensinar  
Connosco a rezar,  
'Tornando-a cristã.»—

E o sonho do Infante,  
Tão alto e tão lindo,  
Anseio e desejo,  
No céu foi ouvido!...  
Caravelas saindo  
Das águas do Tejo,  
Num gesto atrevido,  
Num rasgo arrojado  
De perseverança,  
Dobram o cabo  
Da Boa Esperança!

E nas naus, de joelhos,  
Os nautas valentes,  
Em côro diziam:  
— «Mil graças, meu Deus,  
Por coisas tão belas  
Criadas por Vós!»—  
E á vista, imponentes  
As terras surgiam  
Já sob outros céus  
Com outras estrelas  
Ignotas de nós.

UEBBA

## Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

progresso que não corresponderam às realidades práticas da vida.

\* \* \*

A vigilância e sagrado respeito pela Integridade nacional, com a prestação de serviços militares, foi o mais alto apanágio da nobreza, enquanto se não verificou a permanência dos exércitos. Os de Castro cumpriram a sua missão.

É obvio que todas essas formas de mercê estabelecidas pelos monarcas — as alcaidarias, as frontarias-mores, as capitánias e comendas — a par do reconhecimento e galardão ao bom serviço, foi o mais poderoso e inteligente meio de levar a todos os pontos da Terra Portuguesa, a quem e além-mar, figuras de valor e émulo da sua salvaguarda e defesa, em tempos que as ambições da glória, mais que dos interesses materiais, despertavam os brios.

As instituições foram boas o ótimas enquanto recta e superiormente dirigidas para os fins para que foram criadas.

A acumulação de benesses e favores régios, com meros intuitos especulativos de vanglória e grandeza, trouxe-lhes o vírus da decadência e morte ao próprio seio.

Falou-se atrás na falência da propriedade rural e dos direitos privados a ela inerentes. Trace-se o paralelo com a causa pública e já se vê uma das principais causas e efeitos da grande confusão em que tudo conjuntamente pareceu querer afundar-se.

É que no amor e apego à terra que foi de nossos maiores, e se transmitiu de pais a filhos num reforço de tradições e à força de lanços sucessivos das muitas gerações que se sucederam, estava a mais forte razão do patriotismo.

O desejo de obter uma comenda foi o mesmo que o de conseguir um honroso e rendoso benefício ou colação; algumas vezes de os

augmentar por repetidas acumulações. Os meios nem sempre os mais dignos.

Vantajosas as comendas, até pelas razões de fixação da nobreza em suas mesmas terras; nem sempre ganhas por méritos próprios, as compras e as cedências também deram lugar a maldosas tráfico de que infelizmente nem sempre são isentas as melhores instituições.

É o caso que Montebelo descreve e comenta *In Apparato Sacro-profano* da Família dos Machados apenso ao tomo «Cartas Régias», a respeito da «Morte da inocente D. Maria da Silva» e do comendador de Rendufe, D. Henrique de Sousa:

«Pretendia Martim Coelho, cunhado daquele comendador, a renuncia do mosteiro de Rendufe para pessoa de sua obrigação, em que tambem hia interessado Jeron.mo, de Sá, parente do dito Francisco Machado, e fazendo os dous m.ta instancia por elle comendador, que a elles se negava, resolveo a renunciár o dito comendador em F.co de Sousa, cunhado de F.co Machado e irmão de sua m.er D. Maria, assim por ser de hum seu, como por estar a elle m.to inclinado, para o que pediu Bullas a S. Sant.de, e não podendo ser com o segredo que convinha, esta renuncia divulgou-se: E este ter seu efeito que estes dous cavalheiros, que fazendo juízos temerários, se resolveram a dar a entender a F.co M.do que por respeito de sua m.er se fazia aquella renuncia...» e a consumação da intriga é sobejamente conhecida.

Especulou o doentio romantismo do século XIX o mais que pôde, preferindo tirar partido da imoralidade do acontecimento e deixar em silêncio e reserva a lição e exemplo que encerra e estão na conclusão do próprio narrador:

«Isto, em suma, he a verdade deste tempo, em que só veio a ter culpa aquelles cavalheiros por seus particulares interesses; e F.co M.do dar-lhes mais credito do que foi razão...»

Neto dos principais protagonistas da lamentável tragédia que faz lembrar os excessos e represalias da violenta idade média ninguém melhor que Montebelo estaria senhor do enredo destes «partí-

(CONTINUA)